

minado nível. Às vezes, parece mesmo que a industrialização causou a capitalização. Quando foi o contrário: a capitalização é que causou a industrialização, embora a relação causal, no caso, como sempre, deva ser compreendida como dialética. Isso serve para situar cronologicamente o advento das relações capitalistas, no Brasil. Claro está que, isoladamente, ilhadas pela imensidade de relações pré-capitalistas as mais diversas, elas careciam de significação, na primeira metade do século XIX. Mas apareciam já com clareza na segunda metade, desenvolvendo-se lentamente. Daí a importância do estudo da acumulação primitiva, no nosso caso especial. Mas não cabe aqui esse estudo, sem o qual a análise da origem das relações capitalistas no Brasil fica obscura. Nos três primeiros lustros do século XX, aqueles que antecedem a irrupção da Primeira Guerra Mundial, não só tais relações existem e pesam, como causam problemas e colocam questões controversas.

A controvérsia mais calorosa gira em torno da tarifa alfandegária. Ela começa, a rigor, quando Alves Branco estabelece, em 1844, a escala tributária, alegando a necessidade de proteger a produção interna. A tarifa que, pela primeira vez, enfrenta os fornecimentos externos, tem, no entanto, razões fiscais. Não havia, a rigor, o que proteger. Nem havia, na correlação interna de forças, correlação de classes, que permitisse o aparecimento de correntes de opinião e de intérpretes protecionistas. Mas a luta entre protecionistas e livre-cambistas, ao longo do século XIX, entrando pelo século XX, esteve no centro das controvérsias políticas e dos debates parlamentares. Na proporção em que o século XIX avançou, a controvérsia se tornou cada vez mais calorosa. É fácil verificar como isso se devia ao fato de que iam se desenvolvendo relações capitalistas e tomando, na maior parte, formas industriais. Conseqüentemente, gerados os interesses a preservar e defender, apareciam os seus defensores. Começava a gerar-se a legislação destinada a reservar o mercado interno à produção nacional, compreendida esta como produção interna. A produção externa concorrente se enfrentaria com as tarifas de alfândega. Um pouco, bem mais tarde, com o mecanismo cambial — mas muito pouco.

Sem ser o mais antigo, o mais objetivo e importante, entre os que colocaram com clareza o problema — além de ter colocado o da luta pela renda, o da luta pela apropriação da acumulação interna — foi, sem dúvida, Serzedelo Corrêa, mi-